

Dossiê Kabengele Munanga

Alex Ratts¹

Candidatura à Medalha Josildeth Gomes Consorte

Conhecido por seus estudos e pesquisa no campo das relações raciais há quase cinco décadas e das ações afirmativas desde o início do século XXI, Kabengele Munanga tem uma trajetória de pesquisa, curadoria e ativismo com as questões africanas e negras. Cabe retomar o percurso desde estudante em país africano recém-independente a profissional, antropólogo, que se torna negro em outro país americano em processo de descolonização.

Em junho de 1940, durante a segunda guerra mundial, no antigo Zaire, na cidade de Bakwa Kalonji, nasce o menino Munanga Kabengele, filho de Ilunga Kalama e de Mwanza Wa Biaya, na província de Kasai, cujo rio homônimo pertence à extensa bacia do Rio Congo, uma confluência de antigos reinos, uma área multilinguística, multiétnica, multicultural e que está na base da transmigração forçada de africanos/as para as Américas.

A independência do Congo é datada de 30 de junho de 1960. É neste contexto que Munanga parte para a cidade, para a capital Kinshasa, com cerca de vinte anos de idade. Em 1964, fazendo parte da pequena segunda turma de estudantes universitários do país, o jovem adentra a *Université Officielle Du Congo à Lubumbashi* e opta por cursar Antropologia, uma ciência marcadamente colonial. Na sua memória, o que predominava era a antropologia funcionalista, com professores belgas, franceses e estadunidenses. Ao final do curso, torna-se professor na mesma universidade.

Torna-se o primeiro antropólogo congolês. Diante de um processo de divergências políticas com os governos do Congo (antigo Zaire), recém-independente, inicia em autoexílio, o doutorado na universidade de Louvain. Após levantamentos iniciais sobre o povo Basanga e sobre arte africana, Munanga faz seu primeiro trabalho de campo. No mesmo contexto político, Kabengele Munanga chega ao Brasil em 1975 e em dois anos e meio, cursa disciplinas e conclui sua tese em Antropologia na Universidade de São Paulo: *Basanga de Shaba (Zaire): aspectos sócio-econômicos e político-religiosos* (1977), publicada

¹ Professor titular da Universidade Federal de Goiás.

quase uma década depois. No período em que chega ao país, o movimento negro está sem processo de organização em todo o território nacional, sobretudo em áreas urbanas, e, devizo a razões específicas, também nas universidades, com a entrada em cena de estudantes militantes.

Kabengele Munanga publica alguns artigos oriundos da tese, mas paulatinamente vai ampliando sua observação e produção em duas direções: acerca da África e das sociedades africanas, no que concerne aos processos de colonização e descolonização. Desenvolve estudos, tem experiência como gestor de museu e curador de exposições sobre arte africana e afro-brasileira. Em 1988, enquanto diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo daquela instituição, organizou a *Exposição de Peças Africanas e Afro-Brasileiras – Museu de Arqueologia e Etnologia*.

Em São Paulo, no ano 2000, no contexto da Mostra do Redescobrimento, realizada no Parque Ibirapuera, Kabengele Munanga foi curador da exposição *Arte Afro-Brasileira* junto com François Neyt e Catherine Vanderhaeghe da *Université de Louvain-la-Neuve*, e Marta Heloísa Leuba Salum, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Desde o final dos anos 1970 e começo do decênio seguinte, Kabengele Munanga, continua publicando acerca de África, mas se volta também para o campo das relações raciais e identidade afro-brasileira. Um de seus trabalhos mais conhecidos é o livro paradigmático *Negritude: usos e sentidos* (Munanga, 1988) que tem como foco o movimento homônimo diaspórico, seus processos históricos, suas acepções, alguns expoentes e conceitos-chave.

No período entre 1988, marco do centenário da Abolição, e 1995, tricentenário da morte de Zumbi, último líder do Quilombo dos Palmares, o pesquisador e ativista alcança maior projeção nacional e se insere ainda mais na atuação acadêmica e política, com uma dimensão inequivocamente coletiva. Como colaborador da Fundação Cultural Palmares organiza o primeiro número do periódico *Palmares em Revista*, em 1996, dedicado a trabalhos antropológicos, sociológicos e historiográficos acerca das comunidades negras rurais.

Nesse mesmo período, organiza duas coletâneas das que tratam do racismo, de seus efeitos e medidas antirracistas, a saber: *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial* (São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996) e *Superando o racismo na escola* (Brasília, Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental, 1999).

Em novembro de 2000, na Universidade de Pernambuco, em Recife, Kabengele Munanga participa do I Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as e da fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), tornando-se participante ativo desta outra fase do movimento negro acadêmico.

Nas universidades públicas brasileiras, os anos 2000 são marcados pelo início do debate, as divergências cruciais e a implementação de ações afirmativas, sobretudo na modalidade de cotas raciais. Observador “de dentro” e atento, Kabengele não demorou a colocar-se como antropólogo e negro diante das críticas advindas de diversos setores acadêmicos e políticos. As cotas raciais e outras modalidades de ações afirmativas para negros, quilombolas e indígenas foram implementadas e ampliadas, estando em fase de discussão de mecanismos de entrada e de políticas de conhecimento na pós-graduação, especialmente pela demanda de epistemologias negras e indígenas.

Na antropologia brasileira e africana, Kabengele Munanga, transcendeu a disciplina e participou da formação de pesquisadores das áreas de sociologia, educação e psicologia dentre outras, alguns/umas dos/as quais por ele orientados/as, e que tendo-lhe como referência, continuam e ampliam os campos de estudo, pesquisa e intervenção das relações raciais e ações afirmativas.

Kabengele Munanga tem uma trajetória ímpar, feita entre pares, que constituem uma crescente coletividade que o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira preconizava nos anos 1970: “A ideia de uma sociologia negra, ou uma historiografia, economia, antropologia negras”.

Diante desse quadro, apresento e justifico sua candidatura à Medalha Josildeth Gomes Consorte da Associação Brasileira de Antropologia.

São Luís, 31 de março de 2026